



IDADE D'OURO DO BRAZIL.

Terça feira 2 de Abril.

Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

Da e Miranda.

B A H I A.

Recedemos noticias da França até ao principio de Fevereiro. Foi decidido o projecto de amnistia, porém com algumas excepções, que se tem feito odiosas aos francezes. Luiz XII. concedeo huma amnistia geral, que lhe grangeou o nome de Justo; e a pesar de ter muitos inimigos reinou pacificamente: porque não faz Luiz XVIII. outro tanto? *Sacramentum Regis abscondere bonum est.*

O Imperador da Russia deu huma Constituição á Polonia, a qual vem traduzida na Gazeta de Lisboa, e que parece acomoda á circumstancias daquelle Reino: elle tem sido muio benigno com os Polacos, e he muito amado delles.

O Correo de Londres descreve as victorias do Exercito do Mexico sobre os Hespanhoes, e diz que a expedição de Fernando VII. foi inteiramente frustrada. No fim desta folha vai a lista dos Estudantes da Bahia matriculados em Coimbra, como hu na prova do augmento das luzes neste paiz, aonde se não se perturbaõ os Estudantes, e aonde se lhes daõ todos os meios de instrucção.

O estado de humiliação em que a França se acha tem feito muito geral a mania do suicidio pouco propria do caracter jovial dos Francezes. Hum Journalista francez deplorando a frequencia destes desastres faz o seguinte discurso, que he bem sentimental.

A frequencia dos suicidios he a mais deploravel prova da decadencia da nossa Moral. Algum dia erãõ tao raros estes crimes que se consideravaõ como phenomenos monstruosos na ordem social. Mas he porque nesse tempo, a Religião cingida de suas maximas consoladoras; e a Legislação, apoiada em principios conservadores, não passavaõ, como hoje, por quimeras politicas de que as nações se deixaõ em seu começo offuscar por preceptores charla-

tões, e cuja frivolidade (segundo os falsos Filósofos do século) ellas enhe-
cem quando chegam á virilidade. Quando o excesso da desgraça ou do pejo
impellia algum homem até esse grão de desesperação, que converte em sup-
plicio a vida, e faz considerar como remedio a morte, toda a Sociedade e
suas instituições parecia se levantava para o conter no momento do crime.
Bradava-lhe a Religião: *Deus s'o prohibe*. Clamava-lhe a Patria: *Tu me per-
tences*. A imagem de hum Pai, de huma esposa, de huma familia inteira se
collocava entre elle e o fatal instrumento da morte. A immensa idéa do fu-
turo que o esperava, retrocedia da borda do tumulo; dividido entre o temor
da indelevel deshonra que hia infligir em seu nome entre os homens, e o
terror da ameaçadora Eternidade que se abria para o tragar em hum abysmo
de castigos. Oppunha-se a hum tempo mil obstaculos ao primeiro impeto
do seu feroz delirio. Vacillante, irresoluto, ptezo ainda pelo encanto das
afeições, charrado a si pelo sentimento dos seus deveres, commovido pela
voz da sua consciencia, horrorisado pela sorte da sua immortalidade, volta-
va-se aos seus semelhantes, punha os olhos no Ceo d'onde baixa a esperança;
e tornando a ligar-se á cadeia commum, e começando a lutar de novo com
o seu destino, procurava reparar suas desgraças á força de coragem, ou
seus desvios á força de virtudes. Debalde se nos apontaraõ aquelles que ou-
zavaõ franquear o terrivel passo, e arrojarse ao pégo: esses taes não tinhaõ
já que perder senão a existencia material, a sua vida moral tinha de todo
acabado.

Parabens aos chamados Sabios dos nossos dias! Tem-nos estes Senhores
repetido tanto que não ha Deus; que a Patria he nome vaõ, a consciencia
huma preocupação, a immortalidade da alma huma illusão orgulhosa; que
tõmamos por predominio da natureza o que he só força do habito; que na-
da devemos á Sociedade; que cada individuo, separado de tudo no Mundo,
não está nelle senão para si, tem jús a retirar-se delle quando se desgostar,
e se vai perder no nada, que a ninguem pede constas: tem-nos pregado com
tal enfase e cuidado estes Apostolos do Materialismo essas suas mortíferas e
sobre tudo detestaveis doutrinas, que hoje em dia já a Sociedade não ofere-
ce nem homens, nem cidadãos, nem filhos, nem esposos, nem pais, nem
amigos. E fallamos de a compor de novo! Com que? Com cadavres?

Estadistas illustres, profundos Politicos, quereis restituir a vida á França?
Fazei calar esses que pregão o Atheismo; tratai de nos restituir os bons cos-
tumes antes do que de crear novas leis; accendei entre nós o fogo sagrado
das virtudes; inspirai-nos o amor da patria, o qual não he cousa que se
prescreva, mas sim nasce do sentimento da commoda existencia, da opiniãõ
de que sacrificios momentaneos são compensados com preduráveis vantagens,
da certeza da protecção, e da vergonha que deve causar a ingratiãõ.—Re-
nasçaõ em nossa alma idéas religiosas, e mostrem-nos que Deos está presen-
te a todas as nossas acções, tendo em sua mão o castigo e a recompensa;
effaçase o vassallo a respeitar o seu Soberano, a mocidade a respeitar o
viciãõ; enlacen-se de novo os vinculos de familia; cesse o homem de con-
siderar a sua vida como hum ponto entre dois nadas, e considere-a como
hum ponto entre duas eternidades; sintase nos momentos de extremo apri-
to cerrado pelo duplicado cimento das suas affeições e dos seus deveres; e
se for tentado a contar seus dias, attenda ao que vai deixar, e á terrivel

eternidade que o espera : isto basta : elle será salvo , e com elle a Sociedade.

Quando se tiver alcançado restituir-nos estes indispensaveis elementos da nossa existencia moral , (cousa que se não pôde fazer de repente) , deixaremos de vêr tantos desventurados desampararem o lugar em que estão collocados na ordem dos entes activos , e procurarem refugio na morte , que tomão pelo nada ; e não teremos de nos affligir pela multiplicidade destas catastrophes que accusão a funesta educaçãõ de hum seculo convertido em athêo ; cessarão finalmente os nossos ouvidos de ser mortificados pela continua repetiçãõ da horrivel palavra *suicidio* , e não se verão condemnados os nossos olhos a lêr a triste noticia destas desgraçadas mortes. (Este artigo , de hum Jornal de Paris , bem se vê que he suggerido pela repetida noticia de tais catastrophes : he digno de ser lido e meditado pelos pais , pelos educadores da mocidade , e pelos Pastores , Parrocos , e Oradores sagrados de todos os paizes ; pois infelizmente vemos em todos fazer progresso , mais ou menos , o viciado , que tem de certo a base na irreligiãõ , e na falta quasi geral de boa educaçãõ moral.)

Relaçãõ dos Estudantes , naturaes da Bahia , matriculados na Universidade de Coimbra no presente anno de 1816.

Primeiro anno Juridico.

João Ricardo da Costa Dorimund.
Domingos Martins Ribeiro.
Joaquim José da Silva e Azevedo.
Simpliciano Frederico da Costa Ferreira.
Antonio Ferreira Lima.
Tito Alexandre Cardozo de Mello.
João Martiniano Barata.
Manoel José Cardozo Junior.
José Maria Vieira da Rocha.
José Libaneo de Sousa.

Segundo anno Juridico.

José Carlos Pereira.
José da Costa de Carvalho Junior.
Manoel Antonio Galvão.
Cassiano Espiridiaõ de Mello e Mattos.
Miguel Joaquim de Castro.
Bernardino José de Mello.
Manoel José de Faria.

Quarto anno de Canonicos.

Fernando de Magalhães e Avelar

Terceiro anno de Leis.

Antonio Cerqueira Lima.
Francisco de Sousa Paraiso.
Adriano José Leal.
Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos;

Quarto anno de Leis.

Francisco Gonçalves Martins.

Quinto anno de Leis.

José Pereira Lopes Silva de Carvalho.

Primeiro anno de Mathematica.

• José Eloy Pessoa da Silva.
• Manoel Alves Branco.

Segundo anno de Mathematica.

• Antonio Polycarpo Cabral.
• Joaquim José Frederico Gomes.

Primeiro anno de Philosophia.

• José Eloy Pessoa da Silva.
• Manoel Alves Branco.

Segundo anno de Philosophia.

• Antonio Polycarpo Cabral.
• Joaquim José Frederico Gomes.

Philosophia Racional e Moral.

Rodrigo de Sousa da Silva Pontes Malheiro.

A V I S O S.

Carlos Schwaib? estando nas vespéras de se retirar desta Cidade para a Inglaterra participa, que A. J. Chmal e Companhia estão authorizados de liquidar, e tomar conta de todas as suas transacções durante a sua ausencia.

Quem quizer vender duas Apolices do Banco da Corte do Rio de Janeiro, procure a Lino José Gomes, Caixeiro de Antonio Vaz de Carvalho.

Quem tiver para vender dous escravos, officiaes de Tanoeiros, sejaõ de que côr fôr, procure Adriano de Araujo Braga, que os compra para Angola. O mesino tem escravos novos daquella Nação para vender; e se achão defronte da Ladeira da Soledade, na casa que servio de Quartel dos Soldados de Cavalleria, aonde se acha todos os dias até as 2 horas da tarde para os vender, &c.

Com Permissam do Governo.

BAHIA: NA TYPOG. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA SERVA.